

**A DIFÍCIL ARITMÉTICA DO CORPO E DA LINGUAGEM:
reflexões sobre o *input* e a aquisição de linguagem**

NÚBIA RABELO BAKKER FARIA
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

ABSTRACT *From the point of view of reflection on Language Acquisition, the thesis that inspires this article brings to discussion the impossibility of searching for reconciliation between two natures differently conceived for body and language – the body, as a sensitive organism is in the domain of biology, whereas language, with its structures and categories, is in the realms of linguistics. In this case, to the area of language acquisition is left the ungrateful and fruitless task of operating the relationship between those two different natures. That task limits itself to the operations of addition or subtraction. In order to conduct such reflection, two theories were called into play: Chomsky's, whose research in linguistics was responsible for the consolidation of the area of language acquisition and Skinner's, which is the trigger for Chomsky's option for the rationalist principles in search for an answer to the question of how a child masters the complex structures of a language disclosed by means of formalization applied to linguistics which signals the entrance of that author in the area of linguistics.*

INTRODUÇÃO

Estou de certa forma hoje aqui representando o que se poderia chamar de o “grupo da UFAL”, que teve o privilégio de contar com a presença da professora Cláudia Lemos entre seus professores visitantes da Pós-Graduação. A passagem de Cláudia pela UFAL, ocorrida de forma mais sistemática entre os anos de 1995 a 1997, foi marcante sob vários aspectos, mas gostaria de dar relevância ao compromisso de Cláudia em formar pesquisadores e não apenas apresentar suas próprias pesquisas. Os frutos, na forma de dissertações de mestrado e teses de doutorado, objetivamente atestam esse compromisso. Meu trabalho, a ser hoje apresentado, é também um dos frutos dessa presença, embora tenha tomado rumo diverso, e nesse ponto, mais uma vez é digno de nota o efeito de desafiar o pesquisador a alcançar vãos próprios que tão fortemente caracterizou nosso contato com Cláudia.

A difícil aritmética do corpo e da linguagem: reflexões sobre o input e a aquisição de linguagem, título desse trabalho, é também o título de minha tese de doutorado (Faria, 2001), que contou com dois elementos de sustentação. O primeiro refere-se às muitas questões levantadas por Cláudia Lemos a respeito da aquisição de linguagem, sobre as quais busquei refletir na minha dissertação de mestrado (Faria, 1997). Merecem destaque alguns pontos, que tomei como premissas: a) a necessidade de inclusão da noção de singularidade, entendida, minimamente, como sendo a entrada e o percurso da criança na

linguagem, únicos e irrepetíveis; b) a linguagem entendida como estrutura autônoma e logicamente anterior ao sujeito; c) o sujeito não pensado enquanto entidade positiva, mas enquanto efeito desta; d) para a área de aquisição de linguagem, a relação homem/linguagem e a natureza atribuída a um e a outro assumem toda a sua radicalização.

O outro elemento de sustentação remonta a dezembro de 1996, quando a UFAL, então sede da ABRALIN, teve o privilégio de contar com a presença de Noam Chomsky para uma entrevista. Indagado sobre o que julgava necessário para a formação do lingüista, considerando a história da gramática gerativa e a recorrente tentativa de lingüistas e psicolingüistas de aplicarem a teoria para tratarem de problemas empíricos, sem levar em consideração seus fundamentos epistemológicos, Chomsky responde: “A primeira qualidade é o ceticismo. Você quer que lhe mostrem as coisas, não que lhe digam como elas são. Não é suficiente ouvir alguém dizer alguma coisa, você quer as razões para poder avaliá-las. Então encare o que eu vou dizer agora com muito ceticismo, não leve muito a sério qualquer coisa que ouvir de qualquer pessoa que seja uma autoridade” (Chomsky, 1997a, p.209).

Entre a busca da radicalização da relação homem/linguagem, revelada pela aquisição de linguagem, e o ceticismo diante do que diz a “autoridade”, iniciei meu trabalho. Parti de um ponto – qual seja, a noção de *input*, numa remissão explícita à abordagem gerativista da questão – que julguei importante para pensar a aquisição de linguagem. É necessário dizer ainda que, tanto a teoria lingüística, quanto os trabalhos em aquisição de inspiração gerativista me eram pouco familiares.

Ao reler trabalhos que fui escrevendo ao longo do doutorado, tinha o tempo todo a impressão de que aquilo que havia escrito sobre o *input* em um momento parecia pertinente, mas, em outro, totalmente equivocado. Julguei significativo o fato de, em determinada circunstância entender o *input* de uma certa maneira, para, em seguida, ver o oposto se apresentando.

Fixei-me, então, nessa primeira característica do *input*: ser paradoxal, ao menos, para mim. Não desisti de entendê-lo em termos gerais, isto é, no sentido como a teoria de Chomsky o mencionava – é preciso dizer-se que o termo, até onde pude constatar, nunca recebera um tratamento especial do ponto de vista da teoria lingüística. Embora referido e suposto em todos os momentos¹, sua natureza tem sido discutida na área de aquisição de linguagem, em busca de seu espaço de teorização. Para esta área, da qual Chomsky consistentemente se separa, portanto, ele é *peça-chave*.

Ao reler o prefácio de *Knowledge of language*, atentei, num determinado momento, para a palavra *estímulo* ligada à idéia de *input*, presente tantas vezes neste e em outros textos da área, através do argumento da *pobreza de estímulo*. Tive certeza de que valia a pena deter-me nesse ponto. Argumentar a partir da teoria behaviorista, subentendida na

¹ Por momentos da teoria gerativa refiro-me ao intervalo compreendido entre a publicação de *Syntactic Structures* (1957); *Aspects* (1965); *Remarks on Nominalization* (1970) e, finalmente, as Conferências de Pisa (1981), que marca o início da Teoria dos Princípios e Parâmetros. Para uma discussão sobre esses quatro diferentes momentos, ver Lopes Moino, 1994.

expressão referida², para respaldar uma proposta *oposta*, pareceu-me problemático. Na seqüência, fui em busca daquela que se tornou a mais *famosa* (embora muito pouco conhecida) obra de Skinner – *O comportamento verbal* –, contra a qual Chomsky enfaticamente se opõe, ao mesmo tempo em que a convoca no uso do termo *behaviorista*.

Nesse percurso, dei-me conta de que, discutir a aquisição de linguagem a partir da consideração do *input*, convocava o corpo biológico, uma vez que, segundo o atual momento da teoria gerativa³, temos nele impressa geneticamente a Gramática Universal, e a chegada ao Estado Estável (Ss) depende da marcação paramétrica viabilizada pelo *input*. Logo, o acesso do corpo ao *input*, *dado lingüístico disponível*, ou vice-versa, exigia, dentre outras coisas, a consideração das tais *vias de acesso*.

Comecei a suspeitar, lendo os trabalhos de Skinner, que afirmar ser a GU uma característica da *espécie humana*, geneticamente herdada, acarreta um *custo* teórico. Convocar o corpo orgânico a partir da biologia é convocar igualmente alguns de seus limites e leis e, ao mesmo tempo, excluir outras possibilidades de articulação deste corpo com questões ligadas à linguagem, pensada em termos de *pura estrutura simbólica*, caso que se aplica à GU.

1. CORPO menos LINGUAGEM: B.J. Skinner e o Comportamento verbal

O comportamento verbal, de Skinner, lançado em 1957 é, conforme atesta o autor no *Prefácio*, resultado de um trabalho sistemático de mais de vinte anos (cf. Skinner, 1957, p. 11). Dois anos depois da publicação desta obra, Chomsky lança sua histórica resenha crítica, provocando o que muitos chamam de “destruição” do behaviorismo, inaugurando uma nova abordagem da mente humana e da linguagem. A respeito de sua teoria, afirma Chomsky que a assim chamada “revolução cognitiva” dos anos 50 representou o início da mudança na perspectiva do que concerne a *natureza humana* e a *ação*. Interrogar-me sobre a extensão desta mudança passou a ser também uma questão para o meu trabalho.

Skinner denomina-se um behaviorista radical e parte do pressuposto de que *tudo* na relação do organismo com o meio é *comportamento* – quer seja o comportamento reflexo,

² A noção de *estímulo* não é exclusiva da psicologia behaviorista. Sua presença na área, com o sentido de “um evento ambiental que estimula órgãos sensoriais” (Baum, 1999, p. 72), reflete uma incorporação deste termo da neurologia. Entretanto, a julgar pela cronologia da entrada em cena da teoria chomskiana e, ainda, a forma como se deu o embate entre Chomsky e Skinner, acredito ser pertinente a conclusão de que a expressão referida acima remete àquela corrente da psicologia, para, em oposição a ela, marcar uma mudança de perspectiva no que concerne “a natureza e a ação humanas”.

³ Estou tomando como “atual momento” da teoria aquele que se inicia em 1981, com a publicação das Conferências de Pisa, conhecido como Teoria da Regência e Ligação ou Teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P). O recente Programa Minimalista (PM) está sendo entendido como um desdobramento deste mesmo momento, embora mudanças radicais possam vir a caracterizar uma ruptura entre o PM e P&P, assim como ocorreu com a Teoria Padrão e P&P.

inato ou aprendido, quer seja *público* ou *privado*⁴. Comportamento, para Skinner, é um evento *natural*⁵ e possui uma explicação não necessariamente imediata, mas *histórica*. Isto é, um evento passado, relacionado à história da seleção natural da espécie ou relacionado à história pessoal do indivíduo, poderá afetar diretamente um determinado comportamento, *independentemente da lacuna temporal* que os separa. Este fato diferencia-se de outros em que as causas estão presentes no momento de determinado acontecimento.

Nesta perspectiva, o *comportamento aprendido* contrasta com o *comportamento reflexo*, na medida em que sua ocorrência se explica no espaço de vida do *indivíduo* e não precisa ser precedido por nenhum evento imediato. Sua causa é *histórica*, no sentido de ser resultado da *história de exposição do indivíduo a certas contingências de reforçamento em seu ambiente*.

O que Skinner chamará de *comportamento operante* será aquele que, resultante da *ação* do organismo sobre o meio (e não o contrário, como no comportamento reflexo, condicionado ou não), tem maior *probabilidade* de ocorrência em função de suas *conseqüências* para o organismo em questão (contingência de reforçamento). Este mecanismo explicará repertórios de comportamentos *novos* (em contraste com os comportamentos herdados) e resultará em indivíduos *necessariamente* únicos (em termos de seus *repertórios de desempenhos latentes* adquiridos durante suas vidas).

A constituição do que Skinner chama de *repertório*, no caso do comportamento operante, é fruto de *seleção* de comportamentos mais bem adaptados ao longo da vida do indivíduo. Não existe um evento iniciador do comportamento operante, como na psicologia S-R (suas *causas* são históricas⁶ e individuais), como também não existe caminho já traçado por uma tendência prévia para o *desenvolvimento*.

Em função da especificidade desse *tipo* de comportamento, *operante*, foi necessário, em última análise, estabelecer *para qualquer organismo* dois tempos diferentes, duas histórias de modelagem distintas: numa, em função da evolução da espécie, o meio age sobre o organismo (comportamento reflexo, condicionado ou não). Na outra, o organismo, no espaço de tempo de sua vida, age sobre o meio e é reforçado, ou não, em função das conseqüências desse agir (comportamento operante).

Uma outra conseqüência da caracterização do comportamento operante refere-se ao fato de o *estímulo* não ser prévio, mas *retroativamente* reconhecido como tal, atrelado ao efeito reforçador provocado num determinado organismo particular. Ser emitido não significa que o comportamento seja uma *resposta* a um estímulo.

⁴ Skinner denomina comportamento *público* e *privado* aqueles que ocorrem, respectivamente, fora ou dentro da “fronteira da pele”. Com isso Skinner acredita enfrentar o problema da *privacidade*, desfazendo a separação entre o que se passa dentro ou fora do homem, como se possuíssem naturezas diferentes (cf. Skinner, 1963, pp. 953).

⁵ Baum define um *evento natural* como sendo aquele que pode ser localizado no tempo e no espaço, devido a que pode estar relacionado a outros eventos igualmente naturais (Baum, 1999, pp. 32-3).

⁶ Para que não fiquem dúvidas quanto à noção emprestada pela teoria ao termo *história*, cito Baum, que assim resume a questão: “No processo de evolução por seleção, a história é a filogênese, mudança gradual de traços de base genética. Na modelagem de comportamento, a história é a mudança gradual do comportamento de um indivíduo devido à sua interação com as relações de reforço e punição em seu ambiente” (Baum, 1999, p. 86).

Dentro do quadro do comportamento operante, para que um determinado comportamento esteja sob o controle de um determinado *estímulo*, este deverá guardar uma semelhança com as contingências anteriores que o reforçaram. Estas não são universais, mas *estritamente individuais*. Em suma, será a repetição das contingências de reforço e não qualquer instância interna – como a memória, por exemplo –, que explicará a manutenção de um dado comportamento no futuro.

Vale notar que, assim definido, o comportamento operante é regulado por leis externas e escapa à capacidade de controle individual. Será o mecanismo de modelagem do comportamento, pressuposto no comportamento operante, a dar conta do que diz Skinner sobre o fato de o comportamento humano ser parte de um *sistema legalmente determinado* (Skinner, 1957, p. 545).

A *ação* de um organismo sobre o meio, na teoria do comportamento operante, não é capaz de promover a separação entre o homem e o animal, na medida em que, para ambos, as conseqüências da ação são responsáveis pela modelagem de comportamentos no espaço de tempo de uma vida individual. Ainda que no comportamento verbal essa *ação* se especifique pelo “efeito sobre outra pessoa”, constituindo nesse particular uma ação estritamente humana, seu mecanismo de modelagem é o mesmo que aquele previsto para o aparecimento do comportamento operante em geral. Nesse sentido, afirmou Giannotti que “reducionismo psicológico e reducionismo ontológico se completam mutuamente” (1974, p. 135). Na ação do organismo humano sobre o meio e nas conseqüências dela advindas se explica a *aquisição de linguagem*⁷.

Em Skinner não se trata de teorizar sobre a *linguagem*, mas sobre o comportamento verbal, na medida em que a este podem ser atribuídas forças que atuam de fora, controlando-o, como ocorre com outros comportamentos operantes e com outros organismos inferiores.

A questão dos *estados mentais/interiores*, que tão fortemente apelam para uma separação radical entre os homens e os outros animais perde, com Skinner, o estatuto de questão teórica sob a alegação de que a objeção a eles não reside na afirmação de que eles não existam, mas de não serem relevantes para uma *análise funcional*.

Dentro desse quadro teórico, a *fala* (comportamento vocal) da criança ou do adulto não é *uso* de nada, de nenhum instrumento ou estrutura independentemente concebida. Ela é *resposta* a uma série de fatores causais, *verbais ou não*, e muda em função da história de reforçamento pelo qual passa o organismo humano. Evidentemente que, sendo humano, esse organismo poderá incluir em seu repertório o comportamento verbal, ao contrário de um rato. Mas a teoria, pelo critério da eficácia, propõe-se a explicar a modelagem e manutenção desse tipo de comportamento, ainda que reconheça a sua *complexidade*, utilizando-se dos mecanismos de previsão e controle de que dispõe, apostando com isso na idéia de *continuidade* entre as espécies.

⁷ Skinner não aceita a expressão, mas por ter sido utilizada na resenha de 1959 por Chomsky, além de já ser consagrada, vou usá-la ainda que me refira ao trabalho daquele autor, procurando sempre que possível destacar as especificidades desta na teoria skinneriana, que em última análise corresponde ao “aparecimento do comportamento verbal”.

Entre a criança e o adulto não existe fronteira demarcada, em função, por exemplo, da *posse da linguagem*, mas sim diferentes histórias de reforçamento, isto é, na extensão e complexidade do repertório de comportamento, inclusive verbal, de um e de outro.

O *falante*, sem se opor teoricamente a *infante*⁸, é assim definido: “[...] organismo que se engaja num comportamento verbal ou que o executa. E também um *lugar* no qual certo número de variáveis se reúnem numa única confluência para produzir um acontecimento também único” (Skinner, 1957, p. 375 – grifo meu).

Parece possível concluir que, não havendo a consideração de uma *mente*, todo o corpo desse organismo, concebido como *único* dentre os demais membros da espécie, deve ser convocado para explicar o surgimento, a ocorrência e a manutenção do comportamento verbal – “acontecimento também único”. Para a teoria, inexistente uma separação entre *gesto* e *fala*, que se sustenta no reconhecimento de que ambos, enquanto *formas de ação*, podem exercer controle sobre o comportamento verbal da criança e do adulto, indiferentemente. *Gesto* e *fala* se confundem ainda sob a alegação de que “o operante verbal é uma *unidade viva*, em contraste com o signo ou símbolo do lógico, ou a palavra ou sentença do lingüista [...]” (id., *ibid.*, p. 374 – grifo meu).

É interessante ainda destacar, na psicologia de Skinner, o registro da *singularidade* (tratada como repertórios únicos de comportamento operante) como *marca no corpo*, isto é, como uma manifestação exclusivamente corporal. Skinner aponta ainda para o fato de que, para pensar a *singularidade*, ainda que nos limites de sua teoria, é preciso partir da inclusão de um corpo, o da espécie, para com ele romper (movimento operado pelo autor, ao se indagar sobre o experimento de Pavlov e as possibilidades de com ele explicar “o comportamento do animal no dia-a-dia”)⁹. A ruptura realizada por Skinner, no caso da teoria sobre o comportamento operante, levou-o a teorizar sobre uma instância *legal* a afetar o organismo *de fora para dentro*, marcando singularmente esse corpo sob a forma de *conseqüências*, necessariamente únicas.

Além desse ponto, é importante não deixar de reconhecer no projeto de Skinner a idéia de *singularidade* atrelada ao reconhecimento de o referido “sistema legalmente determinado” ser *exterior*, e conseqüentemente *anterior*, ao organismo (de qualquer animal), isto é, *não* é geneticamente determinado. Essa *anterioridade* separa o tempo da espécie e o do indivíduo; convoca todo o corpo, submetido aos efeitos (de modelagem) do referido

⁸ A oposição infante / falante à qual me refiro diz respeito exclusivamente ao reconhecimento de que entre um e outro está suposta uma estrutura lingüística, não necessariamente pensada enquanto *conhecimento*, caso que se aplica à obra de Chomsky. Uso os termos emprestados do trabalho de C. Lemos (cf., dentre outros, Lemos, 2000), evitando, com isso, empregar os termos criança e adulto, ou criança e *falante maduro*, onde muitas outras acepções estão em jogo.

⁹ Relatando seu percurso como pesquisador do comportamento, Skinner afirma que partiu da consideração de que o *comportamento* estava sujeito a uma *ordem* e, recorrendo a Pavlov, afirma: “I began simply by looking for lawful processes in the behavior of the intact organism. Pavlov had shown the way; but I could not then, as I cannot now, move without a jolt from salivary reflexes to the important business of the organism in everyday life [...] I had the clue from Pavlov: control your conditions and you see order” (Skinner, 1956, p. 223). A partir desse ponto, Skinner se autodenomina um behaviorista radical e rompe com o que ele passa a chamar de behaviorismo metodológico, que tem Watson por fundador.

sistema; revela algumas das dificuldades de se pensar a linguagem como inscrição genética e, *simultaneamente*, procurar teorizar a *trajetória* da criança na linguagem num tempo *individual*, concebido como único para cada organismo humano.

Ao mesmo tempo, o corpo incluído pela teoria, ainda que *singular*, não permite pensar a linguagem que, submetendo-se às leis que incidem sobre o corpo, é apagada enquanto *estrutura autônoma*, restando tão somente um elenco de respostas incorporadas a um repertório físico de comportamentos. Nessa aritmética, o sinal é de subtração: corpo (-) linguagem. Entretanto, a teoria, ainda que indiretamente, revela, no conceito de *gesto*, a impossibilidade de separar dos movimentos mecânicos do corpo humano (*exclusivamente*) um efeito *verbal*.

Banalizar a obra de Skinner, nesse particular, é incorrer no erro de não considerar um elemento-chave para, *contrapondo-se* à teoria skinneriana, pensar o *homem* enquanto *descontinuidade*: querer separá-lo dos demais animais, apelando para uma *natureza orgânica* diferente, ainda que *lingüística*, é reconduzi-lo ao ciclo natural em que a continuidade deste apaga as diferenças que se buscavam ressaltar. O primeiro sinal desse apagamento é recuperado na necessária exclusão da idéia de singularidade prevista na expressão “indivíduo da espécie” e do *tempo* em que um *sujeito* pode ser incluído.

2. CORPO mais LINGUAGEM: N. Chomsky e o resgate da ordem lingüística

Da obra de Chomsky, interessa-me recuperar o efeito produzido na consolidação da área de aquisição de linguagem nos anos 60, com a Teoria Padrão (Standart Theory ou *gramática de regras* de 1965) e o renascimento desta nos anos 80, com a Teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P), após um período de abandono por parte dos pesquisadores. Mas, para se referir a esses dois momentos, é imprescindível falar da histórica resenha de 59, feita por Chomsky a *O comportamento verbal*.

Partindo de considerações sobre a natureza *estrutural* da linguagem, isto é, “aquilo a ser aprendido”, Chomsky ataca (literalmente!) o aparato explicativo de Skinner (?)¹⁰ para a *aprendizagem* e manutenção do chamado comportamento verbal, isto é, estímulo, resposta, reforçamento e motivação. A expressão *acquisition of language* será explicitamente usada por Chomsky e a ele se seguirá o reconhecimento de este ser “largely innate” (Chomsky, 1959, p. 43). A *natureza humana* é questionada a partir do reconhecimento de que a natureza *estrutural* da linguagem não poderia ser incorporada ao comportamento do falante pela via da aprendizagem e da generalização analógica.

¹⁰ A respeito da resenha de 59 afirma Mac Corquodale: “I conclude that Chomsky’s review did not constitute a critical analysis of Skinner’s *Verbal Behavior*. The theory criticized in the review was an amalgam of some rather outdated behavioristic lore including reinforcement by drive reduction, the extinction criterion for response strength, a pseudo-incompatibility of genetic and reinforcement processes, and other notions which have nothing to do with Skinner’s account” (MacCorquodale, 1970, p. 98).

Chomsky destacará ainda, como capacidade específica da espécie humana, o domínio *criativo* da linguagem, isto é, a capacidade que qualquer falante tem de construir e entender, em sua língua nativa, um número indefinido de sentenças às quais nunca foi exposto. A partir do reconhecimento desse aspecto da linguagem, constatado na rapidez com que as crianças dominam estruturas complexas da língua de sua comunidade, sem nenhum ensino específico, Chomsky incorpora à natureza humana, notadamente ao organismo humano, um mecanismo próprio para o aprendizado da língua da sua comunidade (cf. Chomsky, 1964). Em 1966, este mecanismo será nomeado *Language Acquisition Device* – LAD. A *teoria lingüística* sobre o estado inicial desse mecanismo receberá o nome de *gramática universal* (GU).

A partir desse momento, pós-resenha portanto, Chomsky fará uma aproximação cada vez maior entre lingüística e psicologia, dando ênfase à possibilidade de, através do estudo da linguagem, pensado enquanto representação mental da gramática da língua, se chegar a um conhecimento maior sobre a estrutura da mente humana.

A tese inatista, portanto, será construída baseada no contra-argumento à proposta behaviorista, ou seja, a criança é exposta a um *input* degenerado, marcado por interrupções, engano de pronúncia, lapsos, ausência de ensino explícito etc. e, não obstante, por volta dos cinco ou seis anos, será capaz de produzir e entender um número potencialmente indefinido de enunciados nunca proferidos anteriormente. Esse argumento será conhecido ainda como o argumento da *pobreza de estímulo* e, mais tarde, como o *Problema de Platão*.

Em suma, a concepção da psicologia da época para a *natureza humana* está sendo questionada, a partir da *inclusão* da linguagem pensada enquanto estrutura autônoma. Nesse sentido, o inatismo chomskiano se coloca como *solução* para o impasse de se tentar articular teoricamente, dentro do empirismo dominante, a *natureza humana*, a *natureza estrutural da linguagem* e a *aquisição de linguagem*.

Borges Neto (1991) salienta que até 1964 Chomsky ainda é cauteloso quanto à opção pelo inatismo, mais especificamente quanto à existência no organismo humano de um dispositivo de seleção da gramática de sua língua a partir dos dados lingüísticos a que é exposto. Será, entretanto, com *Aspects of the theory of syntax* (1965), que a opção pelo inatismo será declarada e a aquisição de linguagem será uma questão central, necessariamente incluída para se fazer lingüística gerativa, embora ainda não se tenha, em função do modelo lingüístico adotado, chegado efetivamente a se atingir a adequação explicativa almejada.

Como é sabido, dentro da cronologia da obra de Chomsky, nesse momento o modelo proposto é o da gramática de regras, ou seja, o objeto da Teoria Standard, como ficou conhecida, era a definição de regras particulares de formação de sentenças nas línguas particulares, a partir da aplicação da noção nova de *regra transformacional* aos dados lingüísticos. Diante da *deturpação do dado* apresentado à criança, estava prevista uma *ação de descoberta* de um sistema latente, ou de um conhecimento tácito a guiar a performance. “Para o lingüista, assim como para a criança que aprende a língua, o problema consiste em determinar, a partir dos dados da performance, o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele põe em uso na performance efetiva” (Chomsky, 1965, p. 84 – grifo meu).

Quero destacar que, a referência à *aprendizagem* para tratar a aquisição de linguagem, sobretudo situada no confronto com a teoria de Skinner explicitamente aberto em 1959, remete a uma *temporalidade* que se recorta para cada indivíduo, ainda que as capacidades inatas delimitem as possibilidades de variação de um organismo para outro. A analogia da criança com o lingüista abre também para essa consideração.

A postura teórica de Chomsky, uma vez incorporada às suas reflexões a questão *lógica* ou, como diz explicitamente no texto de 1964, a questão *biológica* da aquisição da linguagem, será claramente a de reconhecer ser a lingüística uma sub-área da psicologia, na medida em que a possibilidade de *explicar* as estruturas lingüísticas exige considerá-lhe igualmente o ponto de partida *inato*. Com isso, Chomsky recupera uma espécie de *certeza* ou *garantia* para a natureza humana (perdida no ataque à *soberania do homem* feito por Skinner¹¹). Essa filiação, acredito, não se fará sem problemas, uma vez que a estrutura lingüística será tratada como sendo, a uma só vez, *autônoma e orgânica*.

A relação entre corpo e linguagem parecia ter sido resolvida na *somatória* dos dois, que se refletirá nos estudos da área da psicolingüística, através da idéia de *desenvolvimento da linguagem* na criança. Colocada no corpo, a *linguagem orgânica* estaria submetida à evolução do mesmo *processo* vital único ao qual o homem, uma dentre as demais espécies, está submetido. Entretanto, a relação estabelecida será responsável, como nunca, pela *saliência* de uma desconcertante *heterogeneidade*, daquilo que supostamente havia sido *provado* ser homogêneo porque *natural*. O abandono da área, como tão bem analisa M.T. Lemos (2002), acontece não apenas em função da fragilidade teórica do projeto, mas do *enigma* colocado pela fala da criança para o pesquisador.

3. LINGUAGEM menos CORPO: N. Chomsky e a teoria dos P&P

Se a gramática gerativa (GG) representou uma mudança do foco de atenção do comportamento lingüístico, ou dos produtos deste comportamento – como é o caso da língua-E(xterna) –, para os estados da mente/cérebro, que sustentam tal comportamento, o modelo de P&P representou, dentro da própria teoria gerativa, outra drástica mudança de rumos para a lingüística.

A julgar pelas afirmações de Chomsky, a opção pelo inatismo parece, agora, extremamente forte: “A lingüística concebida como o estudo da língua-I e do Eo [So], torna-se parte da psicologia e, em última análise, da biologia. A lingüística será incorporada nas ciências naturais à medida que forem descobertos mecanismos que tenham as propriedades reveladas nestes estudos mais abstratos” (Chomsky, 1986/1994, p. 46).

Das mudanças no modelo referidas, quero destacar que a *tarefa da criança*, no que se refere à aquisição de linguagem, é, nesse modelo, entendida como a “‘formatação’ da

¹¹ O referido *ataque* restringe-se à inclusão do homem, no sistema de leis pensado por Skinner, na modelagem do comportamento animal, buscando com isso reafirmar a *continuidade* do homem relativamente às demais espécies.

faculdade da linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros¹² abertos em GU” (Lopes, 2000, p. 10).

Um dos pressupostos do modelo de aquisição na perspectiva de P&P é o de que as crianças não estão sujeitas a dados *negativos*. Isto é, os parâmetros necessariamente devem ser *visíveis* na forma fonética, possibilitando o *acesso* da criança a eles, independentemente de instrução gramatical explícita sobre o que é ou não aceitável na língua da comunidade. O acesso da criança ao dado primário, responsável pela marcação paramétrica (ou formatação da faculdade da linguagem), é, assim, entendido como possibilidade real de audição: “[...] the differences between languages, then, are small and *audible*: a child can hear them” (Chomsky, 1997, p. 170 – grifos meus).

Um problema começa a se apresentar, a GU, embora referida como dotação genética, será pensada pela teoria lingüística em termos abstratos e estruturais, de forma que aquilo que for concebido como *input* para uma *estrutura* dificilmente corresponderá ao que o organismo, que comporta tal dotação genética, receberá como *input*.

Os parâmetros, atualmente, dizem respeito à morfologia das línguas, concebidas pelo modelo como correspondentes às categorias funcionais do léxico. Assim sendo, para tratar da aquisição de linguagem no atual modelo, é preciso supor que a morfologia da língua particular, a que a criança está exposta, seja *audível para ela*.

A fala, nos estudos da GG, como é sabido, cede à *audição*, como espaço de verificação da intuição do falante. Mas considerando a criança (*criança* equivale a So, é sempre bom lembrar), esta *audição*, responsável em última análise pelo *crescimento da linguagem*, mostra-se bastante peculiar, isto é, equivale, nesse momento, a uma *audição sensível* à morfologia das línguas particulares, antes mesmo que a criança, ou sua mente/cérebro, tenha estabilizado seu conhecimento lingüístico, a partir do qual *diferenças* e *semelhanças*, sobretudo morfológicas, podem ser concebidas e percebidas. Em outras palavras, pressupõe-se uma *morfologia audível*, definida em si mesma, independentemente das relações entre esta e a língua particular à qual pertence, concepção em flagrante oposição à idéia de *estrutura*, tão recorrente no modelo. A experiência que possibilita a marcação dos parâmetros, acarretando a estabilização da gramática, tem de ser precedida da capacidade de identificar e segmentar, na própria *cadeia ouvida*, o elemento responsável pela estabilização da gramática, que, por sua vez, permitiria tais identificação e segmentação.

Entretanto, se a questão da segmentação da morfologia pela via da *audição* se apresenta como um problema empírico, Chomsky, por outro lado, é capaz de contorná-lo, e parece fazê-lo, quando afirma nas páginas de abertura de *The minimalist program*: “To attain explanatory adequacy, a theory of language must characterize the initial state of the language faculty and show *how it maps experience* to the state attained” (Chomsky, 1995, p. 3 – grifo meu).

¹² As noções de *princípios* e de *parâmetros* não são simples e sofreram alterações significativas, sobretudo no tocante aos últimos, ao longo dos anos. Não me deterei neste importante aspecto da teoria, dando destaque apenas ao que, no momento, é considerado o elemento de variação entre as línguas e, portanto, o espaço de marcação paramétrica, isto é, segundo Chomsky: “Variation of language is essentially morphological in character [...]” (Chomsky, 1995, p. 7).

O fato de eliminar até mesmo a menção à *criança*, falando da GU, qual um satélite, diretamente *mapeando a experiência*, da idéia da distância, cada vez maior, que parece estabelecer-se entre a aquisição de linguagem e a *experiência*, que estou admitindo estar suposta na idéia de “tempo real”¹³ (cf. Kato, 1995). Parece-me, ainda, que uma outra distância insuperável está posta entre a GU e o corpo biológico, convocado, no início da teoria, para dar àquela uma existência orgânica, e ao homem uma *natureza* diferenciada. Não há, sequer, espaço para a idéia de *maturação* no pequeno trecho de Chomsky, citado acima, a respeito da adequação explicativa.

O *input* parece ser agora o que da gramática escapa à audição, ou seja, o seu aspecto estrutural, de assimilação instantânea, só reconhecível pela própria GU. Com este gesto, Chomsky descarta a *criança*, mesmo aquela representante da espécie. O plano biológico natural parece não comportar mais a estrutura lingüística.

A afirmação de que P&P representa a opção da GG por um *inatismo forte* parece-me abalada, ao menos no que diz respeito à teoria lingüística, não se podendo, entretanto, dizer o mesmo de muitos estudos aquisicionistas que nela se inspiram¹⁴.

Nesse momento, parece que a aritmética tende mais para a solução linguagem (-) corpo, o que nos faz questionar: sem um corpo suposto, como pensar em uma *língua humana*?

4. CONCLUSÃO

Para concluir, menciono Hannah Arendt, para destacar o que diz esta autora, quando, exemplificando a dimensão do efeito da chegada ao mundo, constitutiva de todo *nascimento*, observa o modo sucinto e glorioso com que os Evangelhos anunciaram a *boa nova*: “*Nasceu uma criança entre nós*” (Arendt, 1958, p. 259).

Retomando esta mesma referência, é interessante lembrar que o nascimento de Jesus de Nazaré realiza, para a cristandade, a *encarnação do Verbo*, o que, em contraste com a imagem do *anjo*, criaturas criadas não sujeitas ao nascimento, mensageiros sem corpo e sem fala, faz-nos pensar no estreito vínculo existente entre *nascimento* e *palavra*. O novo, o imprevisível e o singular estão em profunda relação com a palavra, tanto quanto com o nascimento, o que lança, para a área de Aquisição de Linguagem, o desafio de enfrentar o *milagre* inerente a cada nascimento, que corresponde à entrada da criança na língua – fato que se dá, portanto, muito antes de suas *primeiras palavras*.

Em não se tratando de anjos, embora esta *entrada* não se limite ao corpo biológico, não pode dele prescindir, exigindo de certa forma uma outra *encarnação do verbo*, que

¹³ Kato reconhece, na questão da aquisição de linguagem, dois problemas: um, de natureza *lógica*; e outro, de natureza *psicológica*. O primeiro corresponde à definição da estrutura a ser prevista na GU e a forma da língua-I, para que a criança passe de uma para outra quase instantaneamente. O segundo corresponde ao problema do *tempo real* envolvido nesta trajetória (Kato, 1995, p. 58).

¹⁴ A respeito dos estudos aquisicionistas e suas diferentes orientações, ver Lopes (1999).

parece encerrar no *nome próprio* escolhido para o *recém-chegado* seu elemento de mistério, por mais *naturalizados* que sejam o nascimento e a aquisição de linguagem.

É ainda interessante ressaltar ser da natureza do *início*, conforme aponta Arendt, que se comece algo novo e necessariamente singular. Somente é possível pensar em *início* no plano do nascimento, mas não no contexto da herança genética que, no máximo, permitenos falar genericamente em períodos recentes ou remotos, igualando todos os da espécie em um só, representado por seu *exemplar*.

Nesse sentido também, é preciso pensar na linguagem *fora do corpo*, para se conceber na aquisição de linguagem o processo singular de *encarnação*. Uma anterioridade necessária para a própria possibilidade de pensar o *nascimento* como *começo*, o que exige que o *outro* seja convocado, não como *input*, mas como aquele que, atestando a pluralidade humana, possibilita que a singularidade se *inscreva* no *recém-chegado*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1958 [1987]*.

BAUM, W. (1999). *Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas.

BORGES NETO, J. *A gramática gerativa transformacional: um ensaio de filosofia da linguagem*. 1991. Tese de Doutorado em Lingüística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957 [1968].

_____. (1959). Review of B.F. Skinner, “Verbal behavior”. *Language*, v. 35, n. 1, pp. 26-58.

_____. (1964). *Current issues in linguistic theory*. Hague: Mouton.

_____. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Sucessor, 1965 [1978].

_____. (1966). *Topics in the theory of generative grammar*. Hague: Mouton.

_____. *O conhecimento da língua*. Lisboa: Caminho, 1986 [1994].

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995 [1997].

_____. (1997a). Chomsky no Brasil. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 13, Edição Especial, pp. 1-229.

FARIA, N. (1997). *Nas letras das canções, a relação oralidade–escrita*. Maceió: EDUFAL; Recife: EDUFPE.

FARIA, N. *A difícil aritmética do corpo e da linguagem: reflexões sobre o input e a aquisição de linguagem*. 2001. Tese de Doutorado em Lingüística – Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, UFAL, Maceió, Alagoas.

GIANNOTTI, J.A. O que é fazer? In: GIANNOTTI, José Arthur. *Filosofia miúda e demais aventuras*. Brasília: Brasiliense, 1974 [1985].

* Considerando a importância, para este trabalho, de destacar o ano em que algumas das obras listadas foram *originalmente* publicadas, estas aparecem com a data da primeira edição seguida da data da edição da obra consultada, entre colchetes, quando as datas não coincidem. No corpo do trabalho, foi usada somente a data da edição original, mesmo quando se trata de tradução.

- KATO, M. (1995). Sintaxe e aquisição na teoria de Princípios e Parâmetros. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, pp. 57-73.
- LEMOS, C.T.G. (2000). de. Questioning the notion of development. *Culture & Psychology*, London, v. 6, n. 2, pp. 169-82.
- _____. (1997). Native speaker's intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Lingüístico*, Campinas, IEL/UNICAMP, n. 33, pp. 5-14.
- _____. (1996). Corpo e linguagem. In: UCHOA Junqueira Filho, L.C. (org.) *Corpo-mente: uma fronteira móvel*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 235-48.
- _____. (1995b). Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30 n. 4, pp. 9-28, dez.
- _____. (1982). Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN*, Recife, n. 3, pp.97-126.
- LEMOS, M.T. (2002). de. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em Aquisição de Linguagem*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP.
- LOPES, R. (2000). O tempo sou eu quando fico grande. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, IEL/ UNICAMP, n. 38, pp. 51-58.
- _____. *Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. 1999. Tese de Doutorado em Lingüística – IEL, UNICAMP, Campinas, SP.
- _____. (1995). O que a criança não nos diz: o lugar da empiria no modelo chomskyano. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, pp. 83-9, dez.
- LOPES MOINO, R. (1994). Chomsky em tempos de cólera. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, pp. 109-33.
- MAC CORQUODALE, K. (1970). On Chomsky's review of Skinner's Verbal Behavior. *Journal of the experimental analysis of behavior*, v. 13, pp. 83-99.
- SKINNER, B.F. (1956). A case history in scientific method. *The American Psychologist*, v. 11, n. 5, pp. 221-3.
- _____. *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1957 [1978].
- _____. (1963). Behaviorism at fifty. *Science*, v. 140, n. 31, pp. 951-7, may.
- _____. *About behaviorism*. New York: Vintage Books, 1974 [1976].